

DEP.

J. 26 84/73



N.º 1

NOVEMBRO
DE 1921



P. 79647

PERALTA — 1921

:: MENSÁRIO DE ARTE ::

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
DE «A TRIBUNA» — RUA DUQUE DE
LOULÉ, 108 a 124 — PORTO :: :: :: ::

••• HVMVVS •••

MENSÁRIO DE ARTE

DIRECTOR — CELESTINO GOMES
ADMINISTRADOR E PROPRIETARIO — TITOLIVIO MOTA

REDACTOR — ANTONIO P. CARDOSO
EDITOR — JOAQUIM PEREIRA

ASSINATURAS

Ano..... 5\$90
Semestre..... 2\$95
Trimestre..... 1\$50
Numero Avulso..... \$60

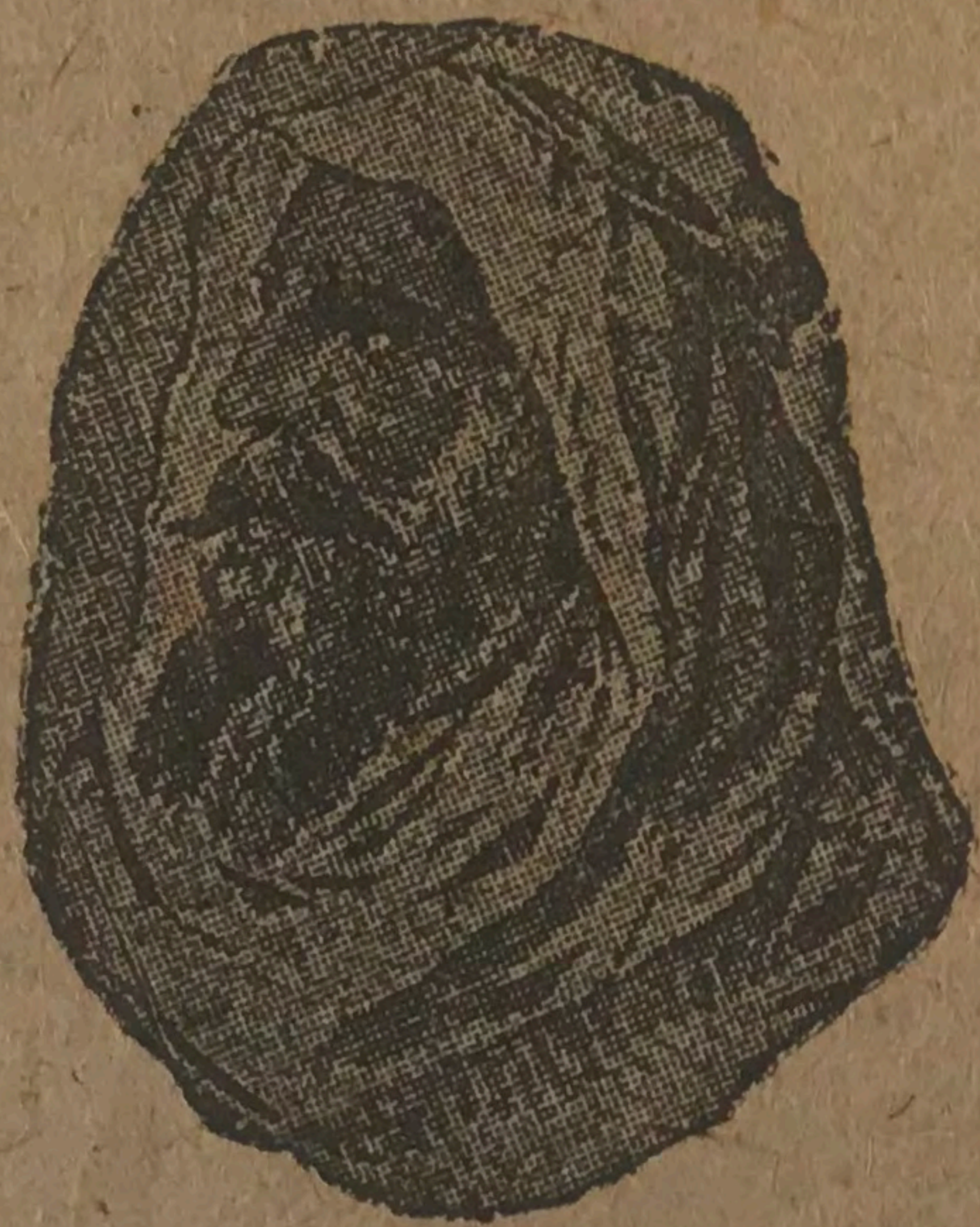
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. R. da Lameira, 2334
PORTO

NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAR-SE-HA :

Colaboração literária de Júlio Brandão, Alfredo Guimarães, Leandro Carré, D. Tibaldina Mota, etc. Colaboração artística do Dr. João Monteiro e Joaquim Lopes. Uma página musical por Armando Leça.

MEIAS E PEUGAS



DE FAMA MUNDIAL

Monito

TRADE MARK

Vendem-se em todos os bons estabelecimentos do Paiz

Depositarios gerais:

Francisco Lemos-L. da

Rua do Bomjardim, 270—PORTO

LIVRARIA CATOLICA PORTUENSE

Centro de Propaganda Religiosa
em Portugal e Brazil

CARLOS VENTURA & C.^A, L.^{DA}

Sucs. de ALOÍSIO GOMES DA SILVA

134, Rua do Almada, 138

PORTO

COMPLETO SORTIMENTO DE LIVROS EM TODOS OS GENEROS

Em distribuição o primeiro catálogo—
(Livros religiosos).


Em preparação os catálogos, de Roman-
ces, Instrução, Livros clássicos, tea-
tro para amadores e musicas de que
possuimos grande variedade.

:::HVMS:::

ÁRVORES SÊCAS

por ANTÓNIO FEIJÓ

Graças a S. Ex.^a o sr. Coronel Júlio Feijó, publicamos hoje uma poesia inédita do grande poeta que foi António Feijó.



Oh Maria Adelaide! Oh Bella, a quem a sorte
Prececevinha invulthou
E bella e frãtida consorte
Da Moidade que no vœuro se escondem
Tu foste a mais formosa das Marias
Que neste mundo conheci;
Até hoje, nos meus já longos dias,
Nunca houve Adelaide equal a ti!
É por isso que choro ao vêr-te agora
De cabelos pintados,
Rugas na face, leite e rosa outeira
Sombras nos olhos fatigados
Pobre Maria! Omm anno! E tu mesma
Não haver deixado a juventude
Um talisman, um fludo, um retrato, uma agua
Que tivesse a virtude
De renovar a gente,
E de repintar,
Miraculosamente
Retornar no teu labio o caduco sorriso
Que d'ella agora cae como o estaque d'um ^{três} ~~três~~
Inutilmente as aguas de Juventa
So correm no Parnaso, e nesta idade
Para noi, quanto a aguas, só a benta
Nos pode ser d'alguma utilidade...
De resto, a arvores secas, não ha rega
Que aproveite,
Num caricia, por mais ardente e ceja
Que um labio muscho e delustoso.

PAÇOS DO ENCANTAMENTO

DE NARCISO DE AZEVEDO.

ACTO PRIMEIRO

Cena VI

Vasto pateo do antigo paço do Conde D. Duarte. Ao fundo uma larga entrada que dá para um refeitório destinado à pobreza. Bancos de pedra. Muitos vasos de viçosos craveiros. Ao meio do pateo avulta um grosso esteio, coroadado dum vaso de ridentes cravos. Afonso e Fernão — mestrais — e Antonio, Gonçalo, Sancho, Diniz — mendigos — esperam pela hora da refeição, sentados ao longo dos bancos.

GONÇALO

Mercê do seu orgulho, o conde D. Duarte anda bem longe da lei de Deus.

AFONSO

Ha muito que assim anda e para sua má fim. Acordai-vos do seu casamento. El-Rey, como lhe morreu a noiva, jurou não casar em tempo nenhum. Precisava de quem lhe sucedesse e mantivesse o Reyno. Teve então o proposito de casar sua tia com o conde D. Duarte. As canseiras e os desgostos que teve El-Rey! Quiz dar ao casamento gran aparato, e para celebrar as bodas convidou o senhor bispo D. Henrique.

DINIZ

Um santo bispo! Quanto tem, quanto dá aos pobres, a quem chama seus irmãos!

GONÇALO

E os seus milagres?

FERNÃO

Não têm conta!

AFONSO

Pois o fidalgo não conveiu em tal proposito. Era o seu desejo—ora vêde o desacerto!—que oficiasse á cerimonia um moço, um nomeado pintor, um profano. E mais disse: que não celebraria as suas bôdas nenhum bispo velho e trôpego!... Que só um moço, forte e belo, podia abençoar e bemfadar os noivos!...

ANTONIO

Uma heresia... uma falta de respeito assim!... O senhor bispo envelheceu a tratar dos enfermos, sem cuidar dos maus tempos, que lhe empeceram o corpo.

AFONSO

El-Rey teimou. Por fim, venceu o desvairado fidalgo. É certo que não foi um pintor, mas um moço clerigo, com suas manhas de bom imaginario, quem celebrou as bodas.

SANCHO

E para maior heresia o casamento não foi em logar sagrado, nem na igreja deste povo, nem na capela destes paços sequer!

AFONSO

Foi na sala do encantamento, que não tem nada de sagrado e é o peor logar destes paços. Quem lá entra—todos o sabem, todos o dizem—toma um tal ar... um tal doairo... fica como enfeitado.

ANTONIO

Quem deixa tal logar sente depois a vida tam impossivel, que ou torna para lá ou se refugia na morte.

SANCHO

Assim reza uma lenda. E na verdade quem lá vai... em breve e p'ra todo sempre desaparece! O fidalgo só convida para a sala do encantamento gente de estranhas e singulares manhas, e vagamundos, peregrinos que muito a preceito sabem contar maravilhas das terras por onde erraram. E nenhum peregrino, nenhum desses vagamundos convidados por D. Duarte tornaram em algum tempo a passar por esta terra. Não ha memoria, não ha memoria...

AFONSO

Mau doairo traz o conde... Mal casou, partiu com a mulher em longa romagem por igrejas e outros logares, por todos os logares da sua afeição e onde só ha maravilhas de bom gôsto. E por lá errou até sentir a mulher pejada. Em muitos logares sagrados não entrava, rogando á mulher—não queirais ver grosseiras e populares imagens, que assim não perturbareis a concepção em beleza do nosso filho...

GONÇALO

Praticas de muita perdição tem o fidalgo.

AFONSO

Ao voltarem da romagem, entraram na nossa igreja. E quando a condessa se ajoelhava ante a Virgem, vai D. Duarte e diz-lhe, erguendo-a nos seus braços—não ajoelhes, não adoreis essa tosca imagem, que tentais a belleza do nosso amor! Ha imagens que só merecem o culto da fogueira!...

FERNÃO

Quando entraram no paço, D. Duarte encerrou a condessa na sala do encantamento, cheia de lenda e riqueza á maravilha, que mal se pode lá andar. Quiz o fidalgo que a mulher ahi dêsse á luz, rodeada de joias e outros muitos enfeites, deslumbrando os seus olhos com a mestria de nomeados paineis e estatuas, armaduras de oiro e mais cousas de grande preço e raridade. E dizia que assim o filho que nascesse viria em belleza.

GONÇALO

E vai que acertou!

DINIZ

Mui perfeita é D. Branca, a sua filha!

AFONSO

Em perfeição ninguém lhe ganha.

ANTONIO

Mas o estranho sestro de D. Duarte!... A condessa deu á luz a formosa filha e logo morreu ás mãos de D. Duarte!

SANCHO

E o conde deu umas razões...

FERNÃO, *irónico*

Boas razões na verdade!

AFONSO

E' certo que bem desvairadas. Ao ver a filha, cuidou que ao dar-lhe o seu amor podia sofrer mingua a sua paixão por a mulher. Antes que tal aviesse, preferiu tê-la morta. E assim nas mãos do filho de algo a condessa encontrou alguma hora a sua fim... Jura D. Duarte que desta feição mantém isenta e mui inteira toda a sua bemquerença e que vive em saudade a sua primeira paixão... e tam moça e tam estreme, como se a cada momento visse a condessa pela vez primeira!

GONÇALO *supersticioso*

É sina...

AFONSO

Falais com acerto... Num tempo antigo leram a sina a uma nobre deste paço. E deram-lhe então um estranho anuncio de futura desgraça. Assim lhe talharam uma mofina sorte—que os ultimos do paço haviam de morrer ás mãos do seu senhor!...

SANCHO

Assim findou a condessa. Era a sina a cumprir-se.

AFONSO

Tinha de ser...

DINIZ

Havia de dar-se algum dia.

FERNÃO

É destino fadado...

ANTONIO

E quando fadado, ninguém pode fugir-lhe.



PÁGINA DE ÁLBUM

SANGUÍNEA DO PROF. MARQUES DE OLIVEIRA

«HVMVS» — n.º 1

DINIZ

Por isso El-Rey perdoou ao conde tamanho desvairo...

AFONSO

Que foi em maior crecença por ocasião do sahimento da condessa. D. Duarte não consentiu no sahimento gente velha... nem clerigos, nem sombra de clerigo. Deu-se a chamar moços e moças do logar e redondezas, e a falar-lhes: "Pleno maio e tam ardente! Acorrei aos meus paços. Acudi á mais leda folgança. Espera-vos a ronda da primavera! Que os noivos por o seu amor não faltem á ronda! Quem mais cantar é quem mais ama! O meu amor irá todo florido! E é ver quem mais dá em tal folgança e em tal cantar! Pleno maio e tam ardente! Espera-vos a ronda da primavera! Que os noivos por o seu amor não faltem á ronda!," E um poder de gente moça, vestida alegremente e toda em descantes, correu aos paços. "Vinde á romagem da primavera!," — convidava o conde. "Até ao adro da igreja, onde será guardado, que só os noivos conduzam o meu amor!," E os mais belos moços ergueram nas suas mãos cobertas de rosas o leveirinho e florido caixão da condessa. E o conde clamava ás donzelas: "Acompanhai em pleno sol o meu amor! Alegrai-o, cantando as vossas mais ledas bailias e cantares de amigo! A primavera acorde nas vossas vozes, já que vai toda a florir num leveirinho caixão. Não quero rastos de círios, nem lembrança de círios!... Que noivas de cabelo loiro alumiem ao meu amor!," E entram a rodear o caixão moças de tranças de ouro, que o fidalgo entra a desfazer costas abaixo, em chuva loira. E cada vez assim com mais desvairo em suas falas: É tal a romagem, que o mesmo sol desce à terra e vem prender-se em namoradas tranças, para seguir o meu amor! Na terra nunca houve tamanho sol! Vem officiar á primavera. Anda por corpos de donzelas, p'ra alumiar assim de pertinho ao meu amor!," A caminho do adro D. Duarte gritava teimosamente, aconselhando aos moços: "Noivos, quando uma mulher vos der o seu maior amor que morra logo essa hora ás vossas mãos!," Donzelas, que tal ouviam, davam-se a um benzer!... Tomavam á conta de mau agoiro aquela fala e viam os conversados a modos que enfeitados com o desvairo do conde. E para eles não ouvirem o ruim conselho do fidalgo, ei-las a cantar muito á porfia e numa alta voz as bailias e as cantigas de amigo mais ledas e amorosas, que envolviam os noivos como uma tentação. Mas D. Duarte não se cansava de bradar o seu conselho. E as moças, durante o acompanhamento, cantavam... cantavam mais e mais, muito a sabor de louca romaria...

(Do livro a sair «PAÇOS DO ENCANTAMENTO»)

Francisco de Jesus

VERSOS PÓSTUMOS

de CARLOS COCHOFEL.

Leio estes versos meus aos meus amigos.
 Ouvem-m'os ler — e riem-se de mim!
 Deixá-los rir! São tristes e mendigos,
 Mas eu quero-lhes muito — mesmo assim.

E continuo a ler: — evoco antigos
 Dias de tradição em que a ruím
 E malfadada fôrça de inimigos
 Aniquilou a lenda dum jardim...

Oiço-os rir, novamente, dos meus versos,
 Bocados da minha Alma, já dispersos
 Na triste Errancia de canções a êsmo ...

Deixá-los rir, deixá-los! Nada escuto.
 — Pois um dia, na mágua do meu luto,
 Hei de acabar por lê-los a mim mesmo.

*

Neste livro de fôlhas amarélas
 Que escrevi, alta noite, ao desatino,
 Ha dobres melancólicos de sino,
 Com padres a resárem, entre vélas...

Vive nele, a cantiga das viélas
 A gargalhar nos versos do Destino.
 (Eu fui tambem assim, desde menino,
 Quando fitáva a luz de mil estrelas.)

É um livro que tem canções agrestes;
 Tumbas vazias, ramos de ciprestes,
 Néga Jesus e fala-vos do Céu...

Afinal... é uma História dolorída
 Onde ha almas gritando pela vida,
 E cuja Alma principal sou eu!...

(Inéditos).

Carlos Cochofel

ROMANCE DA ULTIMA CARTA

POR CELESTINO GOMES



INDA te lembrás? Foi já, por certo, de longada essa recordação de ha muito, essa lembrança ingénua que algum dia arrecadarás no seiosinho brando, entre o perfume magnânimo de tua alma encantadora...

¡Que de sonhos amargurados e pungitivos, tristes pombas de amargo começam de entrar-nos no pombal quimérico do peito, quando entramos de recordar!

E nós amáramo-nos tanto, ¡Maria da Piedade!

Inda nem atino como seria esta separação! Naquele dia tão alegre, tão contente em tua ingenuidade infantil quase, quando, desde noitinha, entrara de ouvir-se o zangarrear das violas, os pandeiros e os ferrinhos... Começaram de acender-se balões, ao largo, e já de ha muito em nossas duas almas iam de acender-se sorrisos...

As creanças, à nossa roda, mesmo as pobrinhas dos dez-reisinhos de esmola, deitavam lumes de côres a confundir o luar. E tão linda foste à efémera luz dum que um pequenito loiro arremessara ao ar, e te ruborisou toda um instante, que o rio se quedou pasmado, num grande sonho de penumbra, todo floridinho de oiro e prata pelas luzes e por a lua...

¿Mas para que lembrar-te isto, ó minha vida de então? Para que dizer-te, numa carta sem fórmula, aquela história amarga da nossa vida que foi um sonho?

¡E ela era tão linda!—Assim tu fôras bondosa como uma gota de água em lábios de sede!

¿Porque nos amámos, porquê?—¡nunca o soubémos! Foi a tremer que te escrevi, nem sei o quê, muito poucas palavras cheias de alma, e tão sómente de reticências te escrevêra se podessem ser compreendidas essas indisiveis falas do coração... e... tu, tão menina, tão graciosa como uma tanagra frágil, envolvêras-me de encantamentos, juráste que nunca me esquecerias, trouxeste-me perdido com a ondulância vaga de teu vestido lilaz que te dava o geito florido e odorante dum cacho de glicínias.

¿Para que foi tudo isso?—Mandaste-me ser escravo, e fui. Segui-te de alma, passo a passo, onde quer que tu fôras e onde quer que estivêras. E foi talvez, de tanto fitar teus meigos ólhos nêgros, que entrei de nêles comungar a grande noite que os meus envolve agóra...

II

... Essa era a noite de S. João, o santinho de meu nome. E tinham-te dito que, à meia-noite, quem tendo água na bôca a vertêsse ao primeiro nôme que ouvisse, casaria com alguém assim chamado...

A noite foi... Tu estavas trémula, eu bem n'ó senti por minha alma anciosa, ainda que eu nunca houvesse tido as minhas mãos nas tuas! Estavas, estavas! E também o luar começou de estar trémulo na bruma, e ao largo o rio entrou de estremecer também ao formigueiro das luzes...

Depois, as horas da meia-noite caíram, lentamente, como nótas macerádas de psalmos.

Teus lábios bebêram, sôfregos, encheste de água a pequenina boca e logo no silêncio um bando palreiro rompeu, estrídulo, numa revoáda moça de vózes:

*... S. João p'ra ver as moças,
fez uma fonte de prata...*

E ainda mais além:

—¡Joãosinho!... Olha lá se te queimas...

E tu ficaste toda envergonhada de escutar o meu nome, toda a sorrir de candura e de amor quando disseste, após de lançar fóra a água que deitaras na bôca:

—Amo-te...¡ muito, muito!— Como eu te amava também, afinal.

Os relógios, ao largo, repetiram as doze badaladas sonóras; e nós ficamos os dois a olhar-nos, a fitar-nos muito como se caíra súbito em nossas almas a benção sempiterna de Deus!... E eu era todo teu, todo, alma, coração, ó minha quiméra que te fôste para nunca mais. E eu era todo teu.

Mas o que mais me encantára e me não saíu do peito como um estribilho alégre de cantiga, era o éco suave da tua voz que me disséra quando parti:

—¿Vês? Não te esqueças nunca... ¡Olha que agora não nos poderemos mais separar!...

III

... É esta, já, a terceira fôlha de papel, mas é preciso que eu diga tudo para acalmar, um instante ao menos, meu pobre coração sofredôr.

¡Se tu soubesses!

... Entrei em meu quarto... ¡Ainda aí havia tantas coisas que me falavam de ti!

Olha! se me perdoáesses isto, dir-te-ia que beijei tudo quanto me deras... Foi uma romaria de meus lábios doidos, uma via-sacra de beijos que andei de rezar sobre tudo quanto era teu, todas essas infantilidades, pequênas como tu... ¡Eu também nunca te esqueceria, não!

No dia seguinte, o destino afastou-nos um do outro; mas não de todo que não estivesse contigo a minha alma de luto como a minha capa de estudante, toda contigo como sempre...

Saudade, se a sofrêste, se andou amargurando teu coração como soluços de bandolinata ao luar, mais sofri eu...

.....
Ao outro dia voltei para te falar.

Um ceguinho pequeno, à porta dum casébre, estremeceu de ouvir no lagêdo os meus passos e com os dedos nas órbitas cavadas como se buscára a vista perdida, entrou de pedir que também queria deitar lumes de côres... ¡Coitadito! Perto, estavas tu. Sorrias para mim, como nêsse dia o sol sorria sobre os telhados, na calma turibulária da tarde, ao odor marítimo da briza...

Depois, um momento séria, déste-me as cartas e os retratos que te dera como quem diz que engeitáras minhas palavras, e concluíste:

— Findou-se tudo entre nós...

— ¿ Porquê? — inquiri.

— ¿ Porquê?! — disseste — O amor nunca se sabe porque finda...
Adeus...

JOÃO.

* * *

Só mais meia fôlha, apenas:

Hoje quiz, antes de deitar ao correio esta carta, rever as parêdes amigas da tua casa...

Lembra-me que me disseste, um dia, que ainda que o nosso amor findasse, jámais te saíria d'alma o meu nome...

Pois o ceguinho d'aí perto, quando outra vez hoje ouviu meus passos no lagêdo, talvez porque, para êle, ainda não amanheceu da grande noite de infortunio, volveu a buscar com os dedos trémulos a vista perdida nas órbitas vãs e foi de trautear amargamente essa canção que encantados ouvimos:

*S. João, p'ra ver as moças,
fez uma fonte de prata...*

S. João de 1921.

Castrofonseca
1921

VELLO ROMANCE

de EUGÉNIO CARRÉ ALVARELLOS

Princesa das trenzas louras
e ollos de verde mar.
Que fás, no alto das torres
do castelo do teu pai?
Qué fás ajejando ao longe
da banda de Portugal?

— Vejo se ven meu amigo,
vejo se ven meu irman.

— De mal de amôres ferido
sofre teu peito quezais,
e para acougar aspiras
salaos que os ares trán
do namoro que en ti pensa
nas terras de Portugal?

— Vejo se ven meu amigo,
vejo se ven meu irman.

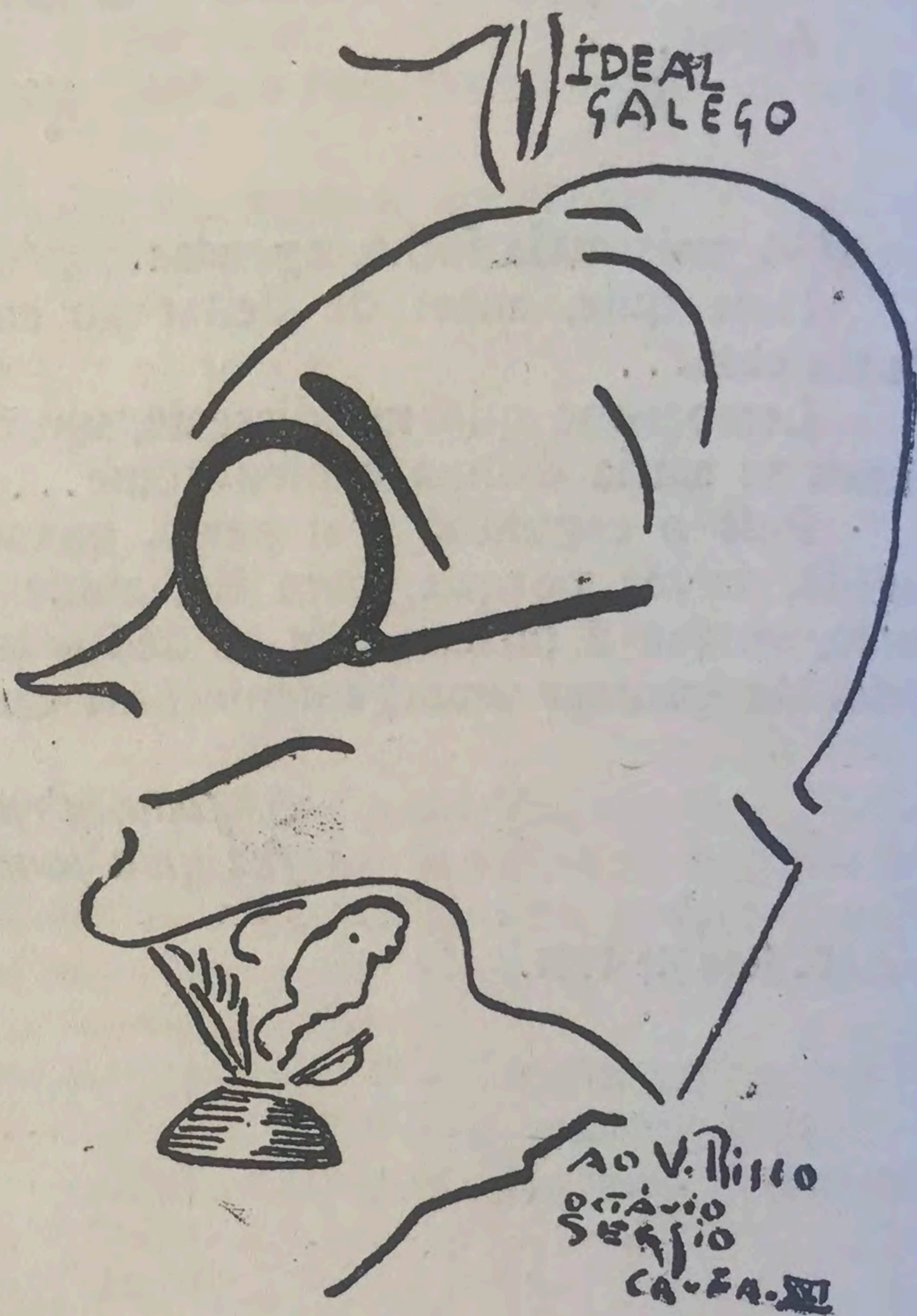
— De gigantes prisoneira
nos dominios do teu pai,
non son amores acaso
os que espera teu ollar,
se non acorros que cheguen
da banda de Portugal?

— Vejo se ven meu amigo,
vejo se ven meu irman.

— Queres que trove, doncela,
que eu d'amores sei trovar,
e saudades e esperanzas
onde á ti retornarán
os que te esquecen por outras
nas terras de Portugal?

— Ja vejo vir meu amigo,
ja vejo vir meu irman.

INTELECTUAIS GALÊGOS



D. VICENTE RISCO

CARICATURA POR OCTÁVIO SÉRGIO

É contan que aos sons da lira
do poeta medioeval,
cudiram presurosos
NOSA FALA entronizar,
guiados por seus artistas,
os mozos de Portugal.

Sep. do 1921.

Eugenio Carré

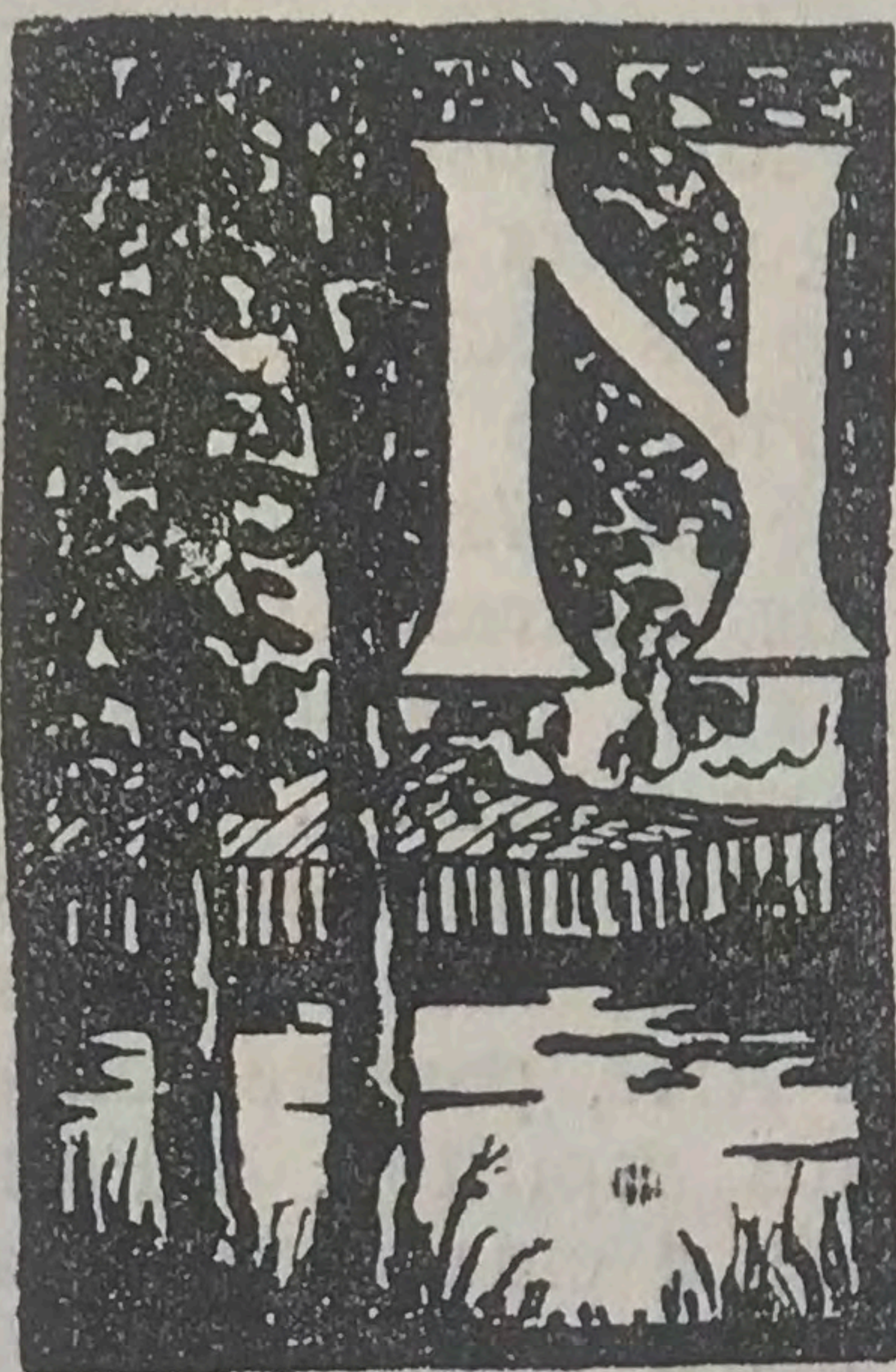
O ESCULTOR DIOGO DE MACEDO

POR AARÃO DE LACERDA

«Ce que je poursuis par dessus tout, c'est l'expression . . .

Je ne puis pas distinguer entre le sentiment que j'ai de la vie et la façon dont je le traduis.»

Henri Matisse.



João Carlos

A contemplação exaltada da obra de Soares dos Reis, recebeu Diogo de Macedo, escultor do meu tempo, os seus mais espirituais ensinamentos.

Ainda pequenito, as tendências do seu temperamento manifestavam-se e afirmavam-se a cada instante, e era vê-lo debruçado sobre o papel a desenhar, entretido largo tempo no traçado de linhas expressivas, procurando resumir um aspecto, uma scena fugaz com recursos ainda embrionários de côr e de movimento. E a atracção pela Arte ostentava-se tão marcada e definida que não era fácil desviá-lo do caminho que a sua vontade delineára, apesar de todas as contrariedades, de todos os conselhos prudentes dos que o rodeavam desejando-lhe um futuro mais próspero e mais positivo, onde a iniciativa e

a actividade fossem devidamente compensadas. À sua família pertencera Soares dos Reis, e muitos se recordavam ainda o que tinha sido a vida para o Artista do *Desterrado*, que dela, afinal, se exilára por um dia sombrio de renúncia heróica, procurando a morte como alívio, como redenção da sua má fatalidade.

O pai de Diogo, fiel a um desígnio prático, quiz colocá-lo como empregado numa casa comercial onde essas ingenuidades e idealistas aspirações para sempre sossobrassem ao contacto da banalidade e da rotina, do regular e do quotidiano. Mas o filho insubmisso, obedecendo apenas a si próprio, fugiu do lar num dia em que se sentiu enérgico e tenaz para afrontar os perigos; e quando voltou, decorrido pouco tempo, depois de um castigo pela sua rebeldia, teve a liberdade de escolher o ofício de santeiro, vocação assegurada pela maneira como êle modelava já bonecos de cascatas e gatafunhava a carvão as paredes da sua vizinhança. Diogo vivia mais contente assim, trabalhando no ambiente calmo da oficina entre imagens seráficas, olhando a graça andrógina dos arcanjos, o extase de um santo ou o martírio de virgens lacrimosas. Correram cinco anos, e de novo uma aspiração para mais alto começou a agitá-lo.

Da sua pequenina estante, onde predominavam livros religiosos, sobresaía-lhe singularmente o album de Soares dos Reis: era êsse que êle mais procurava. As reproduções do romântico estatuário absorviam-no pelo seu encantamento, e nunca os olhos se lhe fatigavam de vêr essas linhas magistraes e eternas onde mal transparecia o prama profundamente angustioso do Suicida. O moço artista

queria atingir o segrêdo daquelas páginas eloqüentes, queria compreender e realizar. O gênio de Soares dos Reis indicava-lhe um mundo novo a percorrer: Diogo de Macedo entendia bem, alcançava o sentido de uma tão profunda criação de belesa, e nesse momento da sua existência, ainda tão breve, lançou-se ao caminho, a peregrinar com a alma estuante de fé.

Diogo, que como santeiro adquirira um lugar de destaque entre os seus camaradas, fatigou-se com a monotonia de uma técnica repetida e fria que estereotipava modelos banalisados já pela propaganda gráfica dos catálogos estrangeiros. Diariamente êle vincava na madeira os já sabidos aspectos da emoção cristã. As imagens com o mesmo nome eram sempre idênticas entre si, não podendo o executante alterar-lhe uma feição, um panejamento, sob pena de uma recusa ou de uma ingrata compreensão por parte do público que, em geral, nestes casos, não prefere inovações.

Ousou então compor um baixo relêvo, sempre de olhos postos no Album sugestivo, e mostrando-o até ao mestre santeiro, êsse em cuja oficina êle trabalhava, ouviu elogios que o animaram a prosseguir.

Diogo acalentou consigo o projecto que era uma elevada e justa obsessão. Como êle em tempos me contou: "a vontade de ser alguém ia-se desenvolvendo a grandes abalões.", Resolveu, a descontento de todos os seus e do bom mestre santeiro, matricular-se na *Academia das Belas Artes* do Pôrto, onde conheceu Teixeira Lopes, o Artista sempre admirado do *Santo Isidoro* e das *Crianças dormindo*, o discípulo e não simples aluno de Soares dos Reis. O Estatuário consagrado acolheu êsse rapaz de dezassete anos com sucessivas distinções: partia de alto o incentivo... e Diogo seguiu a sua estrela...

Terminou o curso, e sentiu à sua volta a interrogação. Paris aparecia-lhe lá ao longe como uma finalidade necessária. Ele tinha de abalar de Portugal para buscar o frêmito de uma civilização que vivia a Arte, para se deixar invadir pelo frenesi sagrado que envolvia e arrastava tantos espíritos: o Paris dos *Salons*, dos irreverentes, dos revoltados, dos insatisfeitos, a cidade da alma, a Roma de hoje, onde os artistas, a sua ala nova, iam beber o filtro mágico e transfigurador!

Diogo ficou sem pai, e uns centos de mil reis que êste lhe deixára foram aproveitados numa viagem a França, à terra da iniciação. Teixeira Lopes ia na sua memória, e o primeiro, Soares dos Reis, caminhava como sombra amiga a seu lado, convivendo espiritualmente consigo.

Chegado a Paris, desorientou-se e pensou numa abdicação das suas aspirações. O sol cegava com o seu brilho, e êle mal o podia fitar, tanto era o esplendor do seu nimbo de fogo.

Recolhera-se no Louvre, e na admiração fremente da religiosidade que a arte das estelas e das estátuas egípcias lhe despertou, teve Diogo de Macedo um dominador impulso. Compreende-se este maravilhamento. Para Diogo devia ser familiar a estatuária helênica. A Escola onde aprendera possuía reproduções cuidadas. A *Venus de Milo*, os *Apolos*, os bustos históricos não os desconhecia, mas o virtuosismo litúrgico e laico dos crentes de Osiris era-lhe quási, senão completamente inédito.

A arte do vale do Nilo ainda merece a muitos preconceitos e classificações de indesculpável ignorância e de irritante barbaridade. Habitua-mo-nos a ouvir falar do rígido hieratismo faraónico, da escravidão que erguera as esfinges e ornara os hipogeus, da lei da frontalidade a violentar e a constringer atitudes de prece ou de domínio. Pouco se lia o *Livro dos Mortos*, e a templária egípcia era vista sem evocação e sem racionalidade geográfica, ela que é a arquitectura de planície, harmonisando-se com a extensão e com o colorido do grande oásis.



BUSTO DE VELHO

ESCULTURA DE DIOGO DE MACEDO

SALON—1913

◀HVMVS>—n.º 1

As relíquias do Louvre surpreenderam Diogo, e as suas primeiras tentativas partiam da inspiração egípcia, dessas imagens silenciosas que viviam ali a sua eternidade, na penumbra dos séculos.

Assim decorreram estes primeiros tempos. Pouco a pouco êle foi vivendo Paris, e o isolado de ontem aproximou-se da seita dos artistas, leu o mago Péladan e olhou, submetido, a arte soberana de Rodin que de Miguel Angelo recebera o sentido e a intenção trágica.

Da arte egípcia, guardava Diogo o mistério, a esfingética expressão. A vida francesa imperava agora sôbre êle com a dinâmica superior da sua existência espiritual, polarizada em milhares de atracções, de espectáculos, onde a orgia da côr e da forma marcavam a cada instante o génio e a graça latina.

Nos palcos singrava a fantasia dos bailados, ao som de músicas e de ritmos exóticos.

Telas de Degas ostentavam-se-lhe como realidades. As rondas, onde a arte do gesto sublinhava e traduzia a sensualidade perturbante da música, eram baixo-relêvos em movimento de dansas tírsicas. E Diogo reproduziu muitos dêsses quadros de plástica viva onde sobresaíam curvas de adoração, gamas de joias e incensórios com nuvens de perfume a espiralarem pelo ar. O moço artista acamaradou com companheiros ilustres que se reuniram num cenáculo chamado pitorescamente a *Torre de Babel*; eram êles Zonza Briano, escultor argentino, os pintores Montenegro, Nestor, Paulo Arrieram, o músico Spinola e outros peninsulares entusiastas e febris.

Em 1912, concorre à *Ecole de Beaux Arts* e amplia os seus estudos com Injalbert, Naudin e Bourdelle. E' curioso, porém, que Diogo teve, por esta ocasião os seus verdadeiros mestres, não nos escultores mas nos pintores Puvis de Chavannes, Carrière, Henri Martin e um ou outro impressionista do Museu do Luxemburgo. Ao nome do segundo juntava-se o de Rodin que com Bartholomé e Meunier formava o grupo dos seus escultores predilectos.

Em 1913, é admitido no *Salon* onde expõe um busto de velho, composição vigorosa e marcante. Ganha depois o terceiro prémio no concurso para o monumento a Camões em Paris, e de então para cá a sua actividade artística tem-se afirmado entre nós com individualidade.

« Le génie n'est qu'une longue patience. »

Renault.

Diogo de Macedo regressa a Portugal e, em companhia do pintor Joaquim Lopes, um novo de talento, abre na galeria da *Misericórdia* do Pôrto a sua primeira exposição. A imprensa não lhe foi hostil, merecendo mesmo algumas críticas sem grandes reservas que anunciavam o seu nome como promessa para trabalhos de maior fôlego e de maior equilíbrio.

Só o conheci mais tarde, quando Lebre e Lima, Nuno Simões e eu resolvemos em 1915 inaugurar o primeiro *Salão dos Humoristas*, no *Jardim Passos Manuel*, iniciativa a que acorreram os novos de Lisboa e Pôrto, constituindo um certâmen de proveitosos resultados, ponto de partida para outras exposições neste género, hoje infelizmente caídas em desuso.

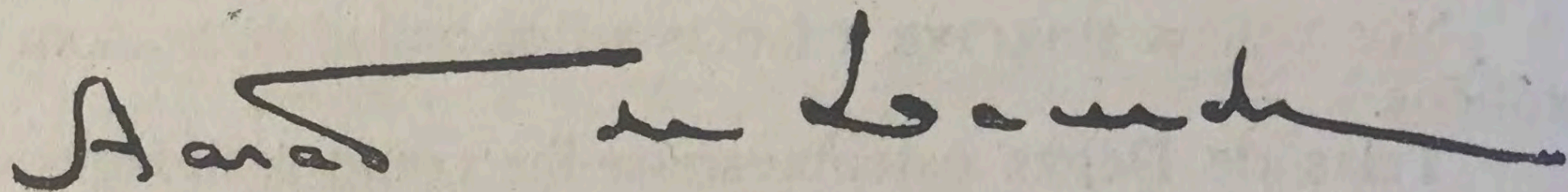
Estimei conversar com Diogo, ouvi-lo largo tempo a propósito de temas de arte, de autores preferidos, das suas tenções e projectos. Encontrávamo-nos quási sempre no *atelier* de Nuno Simões, e não se extranhe que eu diga *atelier*, pois o seu escritório de advogado tinha, de preferência aos códigos ou ao vulto do visconde de Seabra, os livros dos escritores mais queridos e um busto de Camilo assinado por Diogo. Não era positivamente aquela a atmosfera mais pro-

pícia para uma clientela de jurista ou para a fauna dos tribunais, nascida e habituada ao formalismo intolerável do papel selado.

Um dia fui a sua casa, em Vila Nova de Gaia, a terra dos escultores e dos oleiros, onde êle nascera também, e vi, então, numa pequena sala cheia de luz, o seu labôr inspirado, a sua actividade artística dispersa por inumeros *croquis* e *maquettes*, onde perpassavam flagrantes audácias, um temperamento juvenil e irrequieto com o coração a arder dentro do peito. Abriu a pasta dos seus desenhos, e mostrou-me depois tentativas, apontando para barros espalhados pelo chão e pelas mesas onde em nebulose se apercebiam figuras estranhas que a sua sensibilidade ideava nervosamente.

Continua.

Porto, Outubro, 921.



DO TREVO DE 4 FOLHAS

de TITOLÍVIO DOS SANTOS MOTTA

*O bom nome é um tesouro
Como não ha outro igual:
Nem do mundo todo o oiro
Vale o nome, Portugal.*

*Se nem bem, nem mal me queres,
Não andes com mangações...
Quem tem vagar faz colheres,
Não brinca com corações.*

*O' trevo-de-quatro-folhas,
Ondes estás? Vem para mim!
Meus dois braços, teus dois braços,
Quatro folhas... seja assim!*

*Poetas, almas rimando
Os passos do seu calvário.
Sabe Deus, Deus sabe quando
Acabará meu fadário.*

*Foi ninho meu coração
D'ilusões, aves pequenas...
Fugiram todas... lá vão...
Ficaram penas, só penas.*

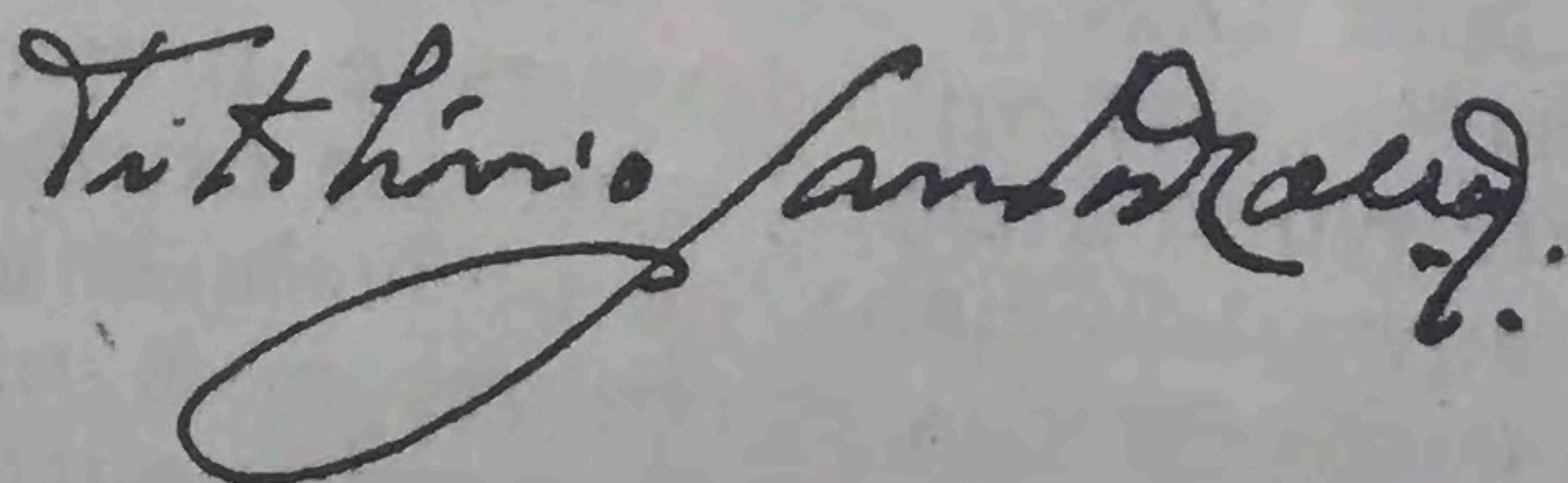
*Que não mereça cuidado
O meu sofrer a ninguem.
Para quem é desgraçado
Só a desgraça faz bem.*

*Entre mim e os pobresinhos
Há uma grande semelhança:
Eles pobres nos caminhos,
Eu pobresinho na esp'rança.*

*Não sabes de que maneira
Comprênder o meu amor?
Na mesma haste a roseira
Tem os espinhos e a flôr!*

*Cabelos de minha mãe,
Tão brancos ninguem os viu.
São os desgostos juntinhos
Dos choros que me sorriu.*

*Cantigas leva-as o vento...
As minhas nem êle quer
Rimei-as no desalento
Ao amor d'uma mulher!...*



O SENHOR ABADE VELHO

DE ANTONIO P. CARDOSO.



LE já ia andando a pé, mas estava muito debiqueiro, provava só a comida. E nós, eu mail-a sobrinha d'êlé, a Guidinha, teimavamos, mas tanto valia como nada.

“Uma noute em que eu estava na cosinha a passajar umas peúgas p'ró meu João, e a Guidinha tinha ido p'ró pé d'êlé costurar, truparam á porta...

Ai a minha *reins* — interrompeu éla — ando mesmo derreáda das cruzes; isto são os meus pecados!...

E acamando com todo o geito, as estrigas que limpava, continuou a sua tarefa e a convérsa interrompida:

—“Eu, quando ouvi bater e fui á janela para enxergar quem era, já ouvi a Guidinha a chosquilhar á porta com um homem qualquer.

“Então, pondo-me á *escoita*, ouvi dizer:

—“Olhe tenha paciencia, mas o senhor abade não póde lá ir.

O doutor esteve cá hoje e recomendou-lhe muito que não saísse.

Mas porque é que o ti' Antóne não vai falar ao padre João?!...

— Q'ais padre João, nem q'ais diabo! — respondeu aquêlé a quem éla chamava Antonio. — Ele é que ha-de lá ir. Olhe, Guidinha, se êlé cuida que *assucede* o mesmo que das eleições, *atão* tópa-se muito enganado! Ande, mecha-se d'aí e vá chama-lo!...

“D'aí a um migalho, já o senhor abade estava dlim, dlim, dlim, a tocar lá dentro do quarto, todo agoniado por saber que banzé éra aquêlé.

“Então tirei-me da janela para ir ver tambem, quando no escuro do corredor, topei com a Guidinha, que me pediu:

--“Oh tia Engrácia, veja ali se *arresólve* o ti Antóne Labacido a ir chamar o padre João. Peça-lhe pol'as bemditas almas que não obrigue o tio a levantar-se!...

“Mas canté, tanto valeu como nada, foi o mesmo que chover em molhado.

“Aquele Antóne Labacido, era teimoso que nem um arrôcho, onde metesse a cabeça, aquilo era peor que um porco, com sua licença!

“Quando cheguei lá dentro a levá-la resposta, já estava a Guidinha muito aflicta e a pedir:

— Oh, senhor abade! Oh, senhor meu tio!... Pol'as alminhas do *Pergatório* não vá que lhe pode fazer peor! *Ascorde-se* do que o snr. doutor lhe disse!...

“E o senhor abade... ai o dianho do linho que está todo enrodilhado!... Oh, oh, pois não querem vêr o mafarrico a não m'o querer largar dos dentes do sedeiro!... — Cortou ela a conversa, ao passo que retesando os braços puxava a toda a força pelo linho que se prendêra e não corria no sedeiro.

La fóra na eira, *Farruco*, o cão da casa, amarelo de orelhas e rabo cortado

ladrava com fúria para um rapaz que no caminho passava assobiando a Caninha Verde. Embaixo, na loja, o gado soltava de vez em quando os seus roncos nasalados.

—“E o senhor abade então — reatou ela a conversa — fazendo-lhe um mimo com a mão, pediu para a menina:

—“Anda, Guidinha, tem paciência, é o meu dever. Ajuda-me a calçar os meótes... chega-me d'ali as minhas calças... anda, não chores e dá-me cá a minha batina... vamos, vamos meu anjinho, ajuda-me a vestir que Deus Nosso Senhor ha-de ter compaixão de mim!...

— Olhe, nunca me *alembro* disto, que as bagádas me não saltem aos ólhos. Aquilo era mêsmo um santinho! *Tamém* s'aquêle não foi p'ró céu, não ha mais ninguem que se salve! —

Espére só um migalhinho sim, que eu acabo já! Deixe-me tomar a *suspi-
ração*...

E a tia Engrácia, bocejando enormemente um “ai Jesus meu Deus,,”, espreguiçou-se com toda a sem-cerimónia, continuando a falar:

—“O senhor abáde, então, sempre a falar no dever, na caridade e na religião, já quando vestido de todo, disse para a Guidinha:

—“Olha menina, ageita-me aqui a *volta* e agazalha-me o pescoço c'um *cachiné!*...

Depois o senhor abade, lá foi a mail'ó criádo e o Antóne Labacido, por esses caminhos fóra e com uma noite, meu Deus, que *inté* parecia de gêlo!...

O senhor abáde não tinha burra, por isso quando voltou já era tarde da noite, e o creádo viu-se *atólico* para dar com êle em casa. Pois que com a fraqueira, não tinha firmeza nas pernas, e escorregava aonde quer.

“Oh, moça! — Interrompeu a tia Engrácia — Chêga-me d'aí mais linho, que quero vêr se acabo isto hoje!.....,

No caminho, um carro de bois, resvalando por cima das pedras soltas, fazia um restólho de estremecer a casa. E a tia Engrácia, depois d'um pouco de espéra, prosseguiu a contar:

—O caso é que êle nessa noite esteve entre a vida e a morte; e nós, era chás, panos quentes de vinágre, *esfregações*, *salapismos*, olhe, um hospital!

Ao outro dia, quando o senhor doutor chegou, estava êle com um febrão que até era capaz de fazer ferver um caldo, e uma tosse que cortava o coração.

“Então o médico disse-nos que aquilo fôra uma recaída, e que uma recaída era peor que uma doença, por isso que lhe perdia as suas esperanças.

“E, com efeito, não durou três dias. Coitadinho, êle tambem já não éra nôvo, tinha pr'aí perto de dois carros de anos. Ah, isso tinha, bem á vontade!.....,

E a tia Engrácia, passando a última estriga de linho pela escova de prégos do sedeiro, levando as mãos á cinta á laia de aza de cantara e movendo o tronco como que a desentorpecê-lo, rematou assim:

—“Olhe, ficou que nem um passarinho!... E o Labacido não levou quinze dias que não fôsse tambem atraz dêle. Foi o pago que Deus Nosso Senhor lhe deu!...

.....

Arturo Pereira Cardoso

ARMAZENS CUNHAS

CUNHAS & C.^A, L.^{DA}

14, PRAÇA DA UNIVERSIDADE, 19

TELEFONE, 1380

PORTO

Telegramas—ALIRMÃO

12 Estabelecimentos dentro de um só Predio

São 12 Secções

que cada uma representa um bom Estabelecimento
pelo seu importantissimo sortido e pela grande
. . . variedade de artigos da sua especialidade . . .

Secção de Fazendas Brancas

Secção de Modas

Secção de Confeccões

Secção de Lanifícios

Secção de Camisaria

Secção de Luvaria

Secção de Guarda-soes

Secção de Miudezas

Secção de Estofos

Secção de Louça de Ferro
esmaltado e aluminio

SECÇÃO DE CALÇADO

Sortido importantissimo para Senhora, Homem e Criança

Secção de Perfumarias

Sortido completo em todas as qualidades nacionais e estrangeiras
dos melhores fabricantes

A nossa divisa é

Vender Barato para Vender Muito

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

FABRICAS EM:

LISBOA - PORTO - POVOA DE
SANTA IRIA - CARAMUJO
BEJA - BARCELOS

FARINHAS

SEMEAS

BOLACHAS

BISCOITOS

MASSAS

FILIAL NO PORTO:

Rua Santos Pousada, 338

— PORTO —